

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Equipe:

Professor Coordenador: Danilo Wanderley Matos de Abreu

Alunos: Auriana Maria Tavares Lins

Mariana Sales Silva

Mayara Bruna Santos Farias

**PATOLOGIAS NO REVESTIMENTO DE FACHADAS DOS EDIFÍCIOS
HISTÓRICOS DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE
Relatório de Pesquisa**

Campina Grande-PB

2012

DANILO WANDERLEY MATOS DE ABREU

**PATOLOGIAS NO REVESTIMENTO DE FACHADAS DOS EDIFÍCIOS
HISTÓRICOS DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE**

Relatório de Pesquisa apresentado ao Núcleo de Pesquisa e de Extensão (Nupex) do Centro de Ensino Superior e Desenvolvimento (Cesed) de acordo com o que preconiza o regulamento.

Campina Grande-PB

2012

RESUMO

A presente pesquisa apresenta as patologias comuns existentes e a descaracterização acelerada nas fachadas das edificações do centro histórico da cidade de Campina Grande/PB, que mesmo tombado, está sendo desvalorizado. O patrimônio do centro histórico da cidade de Campina Grande não é o mesmo. Há um grande prejuízo com relação à sua história e sua memória. A preservação do centro vem cada vez mais se desvalorizando e sendo degradada devido à falta de conscientização e, também, pela falta de fiscalização. Vê-se que as diversas patologias e a descaracterização dos estilos arquitetônicos são prejudiciais ao aspecto estético, ao mesmo tempo em que transmitem uma imagem de envelhecimento, abandono e descaso. Nesse contexto, o presente trabalho traz uma amostra e reflexão a cerca de uma necessária discussão sobre manutenção, preservação e valorização desse patrimônio, uma vez que é preciso manter o que ainda resta do patrimônio histórico/arquitetônico de Campina Grande para que a sua história não fique esquecida, pois, uma vez esquecida, esquecida também a sua identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Centro Histórico. Patologias. Estilos Arquitetônicos.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	4
2. Objetivos.....	5
2.1 Objetivo Geral.....	5
2.2 Objetivo Específico.....	5
2.3 Justificativa.....	5
3. Fundamentação Teórica.....	6
3.1 Um breve histórico das Principais patologias dos revestimentos de paredes	6
3.1.1As Principais Patologias dos revestimentos externos	7
3.1.2As Principais Patologias em revestimentos com pintura	8
3.1.3As Principais Patologias em revestimentos cerâmicos	9
3.2 Patrimônio Histórico – Legislações e Definições	10
3.2.1Preservações e Proteção	11
3.2.2 Estilos Arquitetônicos	12
4. Metodologia	15
5. Resultados	16
6. Conclusão.....	38
7. Referências.....	39

1. Introdução

Os revestimentos de fachadas, além da estética que traduzem, apresentam algumas funções, como a proteção, impermeabilidade, acústico, térmico, além da proteção das estruturas contra a agressividade do meio para a duração das edificações.

As ocorrências de manifestações patológicas nos sistemas de revestimentos de fachadas nos edifícios são diversas, mas, muitas vezes é pela falta de um projeto específico com o detalhamento das interferências, propriedades dos materiais, normalizações pertinentes, juntas de dilatação, bem como a conciliação com outros elementos integrantes da fachada. As causas e origens são diversas e de extrema dificuldade apontar somente uma origem ou uma causa.

Segundo Polisseni (1985), apud Selmo (1989), por está ligado ao material que recobre a superfície das paredes, o revestimento, de um modo geral, é o primeiro elemento da edificação a sofrer a ação de agentes agressivos de origem natural ou oriunda da própria utilização do edifício.

Em se tratando dos edifícios históricos da cidade de Campina Grande, em alguns, observa-se diversas patologias prejudiciais ao aspecto estético, como por exemplo, manchas embranquecidas que surgem na pintura, pintura esfarelada, destacamento ou degradação da pintura, fissuras na interface das alvenarias, e como consequência a ocorrência de infiltrações, destacamento dos revestimentos de argamassa e cerâmica. Essas patologias transmitem uma imagem de envelhecimento e abandono.

Nesse cenário, é que se insere o presente trabalho, o qual busca identificar às patologias mais comuns encontradas nos revestimentos das fachadas das edificações, em específico da malha do centro histórico da cidade de Campina Grande. Abordando também a descaracterização acelerada do centro histórico, perdendo a identificação de Arte Déco que Campina Grande era bastante conhecida e conseqüentemente perdendo suas origens.

2. Objetivos

2.1 Objetivo Geral

Identificar as patologias comuns existentes e a descaracterização acelerada nas fachadas das edificações do centro histórico da cidade de Campina Grande, que mesmo tombado, está sendo desvalorizado.

2.2 Objetivos Específicos

- Identificar as principais patologias nos edifícios do centro histórico da cidade de Campina Grande/PB;
- Apresentar os estilos arquitetônicos presentes no centro da cidade;
- Identificar os estilos arquitetônicos do centro histórico e suas respectivas descaracterizações;
- Mostrar a importância da preservação das edificações tombadas.

2.3 Justificativa

A preservação do centro histórico da cidade de Campina Grande/PB vem cada vez mais se desvalorizando e sendo degradada devido à falta de conscientização e, também, pela falta de fiscalização. Por conta disto, o presente trabalho traz uma reflexão a cerca de uma necessária discussão sobre preservação e valorização do patrimônio, uma vez que o centro histórico vem sendo mexido e mutilado, pondo fim às memórias, elemento essencial de identidade de um povo.

3. Fundamentação Teórica

3.1 Um breve histórico das principais patologias dos revestimentos de parede

Segundo Campante (2001), as manifestações patológicas podem ser entendidas como situações nos quais em determinado momento de sua vida útil, deixam de apresentar o desempenho esperado, ou seja, não mais cumprem funções para os quais foram projetados, deixando de atender às necessidades dos usuários.

É comum observar nas edificações diversas, patologias prejudiciais ao aspecto estético. Nesse trabalho, as patologias estarão sendo relacionadas de uma maneira geral, trazendo a realidade, as principais patologias em revestimentos com pintura das edificações históricas campinenses.

Há fatores que influenciam no desempenho de revestimento externo, que são identificados pelas mudanças estruturais ou de função, na parte afetada ou no edifício, avisando o surgimento dos defeitos.

Tendo em vista as funções principais dos revestimentos externos de argamassa, resulta que a durabilidade é um dos seus principais requisitos de desempenho e, segundo a BS 5262 (BSI, 1976), apud Selmo (1989), depende principalmente dos seguintes fatores:

- proteção dos revestimentos por detalhes arquitetônicos convenientes;
- penetração da umidade de infiltração;
- efeito da poluição atmosférica;
- natureza da base do revestimento, por questões de capacidade de ancoragem e problemas associados à reação de sulfatos e à movimentação de retração de secagem;
- tipo de revestimento, composição e traço da argamassa, que têm influência intrínseca nas suas propriedades e compatibilidades com as características da base;
- grau de umedecimento da base, em função de sua influência na aderência e surgimento de eventuais eflorescências nos revestimentos;
- o método de aplicação, principalmente, em função da natureza da base;
- danos causados por abrasão ou impactos;
- manutenção periódica.

Tanto esses quanto outros fatores, são específicos a cada situação e deverão ser considerados quanto ao desenvolvimento do projeto de revestimento.

3.1.1 As Principais Patologias dos revestimentos externos

As patologias são estudadas para diagnosticar as prováveis causas, sendo que geralmente não ocorrem devido a uma única razão. A ocorrência se deve a um procedimento inadequado no processo construtivo, ou seja, planejamento, projeto, materiais e componentes, execução e uso, que gera uma alteração no desempenho de um componente ou elemento da edificação. Para CAMPANTE (2001), as manifestações patológicas podem ser entendidas como situações nas quais, em determinado momento da sua vida útil, deixam de apresentar o desempenho esperado, ou seja, não mais cumprem funções para os quais foram projetados, deixando de atender às necessidades dos usuários. O autor se refere aos revestimentos cerâmicos, mas o conceito pode ser estendido aos diferentes materiais apresentados neste trabalho. Os problemas patológicos ocorrem com diferentes formas de manifestação, e podem ter origem em diferentes fatores, pois existe nos processos construtivos uma grande complexidade dos sistemas envolvidos. É preciso conhecer as características dos materiais, sua adequação de uso ao local, correto posicionamento de juntas, utilização de mão-de-obra treinada, controle do uso dos materiais no canteiro, para prevenir o surgimento de manifestações patológicas.

Os revestimentos nem sempre são avaliados criteriosamente, sendo que a maioria dos problemas apresentados tem origem nas fases iniciais (elaboração de projeto ou execução), apresentando depois da sua aplicação problemas patológicos que comprometem aspectos como segurança e habitabilidade, com a degradação em curto espaço de tempo, podendo comprometer até o uso das edificações.

A tabela a seguir pode exemplificar a necessidade de utilização de projeto para diminuição de patologias, apesar de abranger de forma global todos os setores da execução de uma obra. Fonte: Revista Técnica 14 (1995).

Com a análise das patologias podem ser sugeridos reparos, quando o revestimento ou parte dele não apresenta o desempenho previsto. Os problemas são identificados pelas mudanças estruturais ou de função na parte afetada ou no edifício, avisando o surgimento de defeitos. O estudo das patologias também procura definir procedimentos que diminuam ou até

evitem a ocorrência das patologias. Neste trabalho as patologias estarão sendo somente relacionadas de maneira global.

3.1.2 As Principais Patologias em revestimento com pintura

Tomando como referencia o estudo das patologias que, também procura definir procedimentos que diminuam ou até evitem a ocorrência das patologias, neste trabalho, essas patologias estarão sendo somente relacionadas conforme evidenciadas nos edifícios em estudo. Assim, as patologias mais comuns, segundo exposto na Revista Técnica, 2001 são:

a) Eflorescências: são manchas esbranquiçadas que surgem nas superfícies pintadas. Ocorre quando a tinta foi aplicada sobre reboco úmido, ainda não curado completamente. A secagem do reboco acontece por eliminação de água sob forma de vapor, que arrasta materiais alcalinos solúveis do interior para a superfície pintada, em que se deposita, causando manchas. O problema pode ocorrer também em superfícies de cimento-amianto, concreto, tijolo, entre outros.

b) Desagregação: é a destruição da pintura, que se esfarela e destaca-se da superfície junto com partes do reboco. O problema ocorre quando a tinta é aplicada antes da cura completa do reboco.

c) Saponificação: é o aparecimento de manchas na superfície pintada (em geral provoca descascamento ou destruição da tinta PVA) e retardamento indefinido da secagem de tintas à base de resinas alquídicas (esmaltes e tintas a óleo). A patologia é causada pela alcalinidade. Na presença de certo grau de umidade, o substrato reage com a acidez característica de alguns tipos de resina, acarretando a saponificação. Para evitar o problema é necessário, antes de pintar o reboco, aguardar até que o mesmo esteja seco e curado, o que demora cerca de 28 dias.

d) Descascamentos: pode ocorrer quando a pintura for executada sobre caiação, sem que se tenha preparado a superfície. Qualquer tinta aplicada sobre caiação está sujeita a descascar rapidamente. Para que isto não ocorra, antes de pintar devem ser eliminadas as partes soltas ou mal aderidas, raspando ou escovando superfície. Em centros industriais, com grande concentração de poluentes ou regiões à beira mar, os sais da superfície devem ser removidos com água sob pressão.

e) Manchas causadas por pingos de chuva: os pingos ao molharem a pintura recém executada, trazem à superfície os materiais solúveis da tinta, surgindo às manchas. Para eliminá-las basta lavar o local com água, sem esfregar.

f) Enrugamento: ocorre quando a camada de tinta se torna muito espessa devido à aplicação excessiva de produto, seja em uma ou mais demãos, quando a temperatura no momento da pintura se encontra elevada ou, ainda, quando se utiliza solvente diverso da aguarrás como diluente de esmalte sintético. A correção exige a remoção de toda a tinta aplicada, com espátula, escova de aço ou removedor apropriado. Em seguida, deve-se limpar toda a superfície com aguarrás, para eliminar vestígios de removedor.

g) Trincas: de modo geral são causadas por movimentos da estrutura. Para corrigir, recomenda-se a abertura da trinca com ferramenta específica para este fim ou esmerilhadeira elétrica. É necessário retirar a poeira do local, aplicar um fundo preparador à base de água e um selador de trincas.

h) Crateras: ocorre devido à presença de óleo, graxa ou água na superfície a ser pintada, e também quando a tinta é diluída com materiais não recomendados como gasolina e querosene. Para corrigir, recomenda-se remover toda a tinta aplicada por meio de espátula e/ou escova de aço e removedor apropriado. Em seguida, deve-se limpar toda a superfície com aguarrás, a fim de eliminar vestígios de removedor.

i) Bolhas: em paredes externas, geralmente são causadas pelo uso da massa corrida PVA, produto geralmente indicado para áreas internas. Nesse caso a massa corrida deve ser removida, aplicando-se em seguida uma camada de fundo preparador para paredes à base de água.

j) Fissuras: as fissuras ou trincas, rasas e sem continuidade, entre outras causas, podem ser provocadas por tempo insuficiente de hidratação da cal antes da aplicação de reboco ou devido à camada de massa fina estar muito espessa. Recomenda-se, para correção, raspar e escovar a superfície, eliminando-se partes soltas, poeira, manchas de gordura, sabão ou mofo. Deve-se aplicar em seguida um fundo preparador para paredes à base de água. (Revista Técnica 2001 – Suvini).

3.1.3 As Principais Patologias em revestimentos cerâmicos

a) Descolamento: pode ocorrer por variações de temperatura, que geram tensões de cisalhamento, flambagem e posterior destacamento; cargas sobrepostas logo após o assentamento, que provocam compressão na camada superficial descolando o revestimento; ausência de juntas de dilatação; instabilidade do suporte (recentemente executado e com alguma umidade) apresenta modificações de dimensão ou mesmo retração; ausência de esmagamento dos cordões, com conseqüente não impregnação do verso da placa cerâmica.

b) Estofamento: pode ser provocado por retração e compressão da argamassa de assentamento, quando esta é muito espessa para regularizar desnivelamento da base. Também ocorre estofamento em situações onde a cerâmica apresenta alta expansão por umidade, neste caso as peças têm a reidratação de seus minerais.

c) Manchas: podem ocorrer por problemas na produção do revestimento, além de falta de impermeabilização da base.

d) Esmagamento: sobrecargas de peso pós-assentamento podem provocar compressão na camada superior da peça e ocasionar o esmagamento.

e) Eflorescência: pode ocorrer por umidade da base em conjunto com sais livres, através dos poros dos componentes. Esta água pode ter sua origem em infiltrações em trincas e fissuras, vazamentos nas tubulações, vapor condensado dentro das paredes, ou ainda da execução das diversas camadas do revestimento.

f) Trincas: trincas, gretamentos ou fissuras podem ocorrer devido a: retração e dilatação da peça relacionada à variação térmica ou de umidade; absorção excessiva de parte das deformações da estrutura, ausência de detalhes construtivos (vergas e contravergas, pingadeiras, platibandas, juntas de dilatação), principalmente nos primeiros e últimos andares dos edifícios; retração da argamassa convencional, após a secagem apertada à cerâmica, podendo torná-la convexa e tracionada; (Revista Técnica 2001 – Suvinil).

3.2 Patrimônio Histórico—Legislações e Definições

Patrimônio Histórico define-se, de forma geral, como um bem material, natural ou imóvel que possui significado e importância artística, cultural, religiosa, documental ou estética para a sociedade. Estes, foram construídos ou produzidos pelas sociedades passadas, por isso representam uma importante fonte de pesquisa, além de uma preservação cultural, ou seja, representam a identidade de uma sociedade, de um povo.

Conforme o Decreto-Lei nº. 25/1937 define como patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (Art. 1º);

A Constituição Federal, ampliando a noção de patrimônio expressa no Decreto-Lei nº. 25/193 define como patrimônio cultural todos os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (Art. 216º);

Quanto ao Decreto 3.551/2000 reconhece como patrimônio cultural brasileiro os bens culturais de natureza imaterial, relacionados aos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; formas de expressão que marcam vivência coletiva, religiosidade, entretenimento e outras práticas da vida social e às celebrações e lugares onde são concentradas ou reproduzidas práticas culturais coletivas da sociedade brasileira;

A Constituição Federal estabelece ainda que o poder público, com a colaboração da comunidade, é responsável pela promoção e proteção do patrimônio cultural do país (Art. 216°);

O papel do Governo Federal, hoje a cargo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), nas ações de salvaguarda, preservação, fiscalização e conservação dos bens culturais, artísticos, históricos e ecológicos brasileiros;

Em se tratando do papel do Estado da Paraíba, hoje está a cargo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), nas ações de preservação, promoção, fiscalização e proteção dos bens culturais, artísticos, históricos e ecológicos paraibanos (Decreto nº 7.819/1978 e Lei nº 9.040/2009);

A Lei Orgânica do Município de Campina Grande reforça os itens acima relacionados a dá outras providências acerca da promoção e defesa do patrimônio cultural local (Art. 199-211, 265-266 e 269);

Vê-se que há uma preocupação mundial em preservar os patrimônios históricos da humanidade através de leis de proteção e restaurações que possibilitam a manutenção das características originais. Em se tratando da cidade de Campina Grande, é comum as diversas discussões sobre o prejuízo inestimável que, ano após ano, vêm se apagando a história e a memória campinense. Prédios demolidos, monumentos destruídos, fachadas se descaracterizando, e assim, diversos momentos da história da cidade sendo perdidas pela falta de manutenção, fiscalização, e acima de tudo a falta do bom senso em relação à preservação do patrimônio histórico, em específico, do centro da cidade.

3.2.1 Preservação e proteção

Segundo a Revista eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB, “o Patrimônio Histórico de Campina está circunscrito no que chamamos de “Centro Histórico de Campina Grande”, uma área deliberada (em 2003) e delimitada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) em 28 de junho de 2004,

compreendendo um cinturão englobando ruas e praças centrais da cidade contendo edificações em estilo Art-Déco, Neoclássico e vários monumentos”.

No entanto, mesmo tombado oficialmente e reconhecido, a cidade, em especial seu centro histórico não consegue frear um intenso processo de desenvolvimento que impera e, com isso vemdes figurando suas construções arquitetônicas.

O Centro Histórico de Campina Grande tem seus elementos mutilados pelo crescimento e progresso que vem descaracterizando casarões, prédios, igrejas e monumentos, seja pelas construções ou depredações sem limites, seja pelas diversas patologias em suas fachadas. Andar pelo centro da cidade nos revela a real situação das edificações históricas, que, além do total abandono, verificamos o descaso com o tratamento dado a elas. E assim, o patrimônio histórico vai se definhando, sucumbindo e vemos que as leis estabelecidas na Constituição Federal, as Leis e Decretos Estaduais e Municipais que reforçam e reconhecem o patrimônio cultural não estão sendo, de fato cumpridas, assim como os órgãos públicos fiscalizadores não têm uma participação efetiva na salvação destas memórias.

Enfim, é preciso manter o que ainda resta do patrimônio histórico/arquitetônico de Campina Grande para que a sua história não fique esquecida, pois, uma vez esquecida, esquecida também a sua identidade.

3.2.2 Estilos Arquitetônicos

No centro histórico de Campina Grande se identifica estilos arquitetônicos predominantes nas edificações, tanto de menor como de maior porte. Procura-se então abordar nesse item, uma contextualização, das manifestações de estilos, uma vez que são identificadas predominância de características nas edificações. Entretanto, exceções se mostram presentes, considerando que há edifícios sem predominância quanto ao estilo, devido, principalmente a ação do homem em modificar essas construções.

a) Contemporâneo: A arquitetura contemporânea é considerada a produzida depois da pós-modernidade nos anos 80 e início de 90 até os dias atuais. A arquitetura desenvolvida no Brasil neste período até os dias de hoje apresenta o reaparecimento de linguagens projetuais fortemente comprometidas com uma retomada do racionalismo, a base conceitual do Movimento Moderno, com tendências minimalistas. Por outro lado, verifica-se uma busca de idéias e soluções mais voltadas a questão do conforto ambiental, aliado aos processos de racionalização da construção.

b) Eclético: Em arquitetura, o ecletismo é a mistura de estilos arquitetônicos do passado para a criação de uma nova linguagem arquitetônica. Apesar de que sempre há existido alguma mistura de estilos durante a história da arquitetura, o termo arquitetura eclética é usado em referência aos estilos surgidos durante o século XIX que exibiam combinações de elementos que podiam vir da arquitetura clássica, medieval, renascentista, barroca e neoclássica. Assim, o ecletismo se desenvolveu ao mesmo tempo e em íntima relação com a chamada arquitetura historicista, que buscava reviver a arquitetura antiga e gerou os estilos “neo” (neogótico, neo-românico, neo-renascença, neobarroco, neoclássico etc). Do ponto de vista técnico, a arquitetura eclética também se aproveitou dos novos avanços da engenharia do século XIX, como a que possibilitou construções com estruturas de ferro forjado.

c) Arte Déco: Foi um movimento popular internacional de design que durou de 1925 até 1939, afetando as artes decorativas, a arquitetura, design de interiores e desenho industrial, assim como as artes visuais, a moda, a pintura, as artes gráficas e cinema. Edifícios, esculturas, jóias, luminárias e móveis são geometrizados. Sem abrir mão do requinte, os objetos têm decoração moderna, mesmo quando feitos com bases simples, como concreto (betão) armado e compensado de madeira, ganham ornamentos de bronze, mármore, prata, marfim e outros materiais nobres. Arte déco tem mais simplicidade de estilo.

d) Arte Nouveau: Arte Nouveau (pronúncia francesa: [aʁnuvo], anglicizada) é uma filosofia e estilo internacional de arte, arquitetura e arte aplicada – especialmente as artes decorativas- que foram mais populares de 1890 – 1910. O nome “Art Nouveau” é francês para “arte nova”. Uma reação à arte acadêmica do século XIX, o movimento da Arte Nouveau foi inspirado por formas e estruturas naturais, não somente em flores e plantas, mas também em linhas curvas. Arquitetos tentavam harmonizar com o ambiente natural.

Apesar de o Arte Nouveau ter sido substituído pelos estilos modernistas do século XXI, ele é atualmente considerado uma importante transição entre o historicismo do neoclassicismo e o modernismo.

e) Neoclássico: O estilo arquitetônico neoclássico segue o modelo dos templos greco-romanos, das construções do renascimento italiano na construção civil e em construções religiosas. Em outras palavras são obras que contêm frontões triangulares, colunas, pórticos, formas geométricas e materiais nobres.

As principais características da arquitetura neoclássica são imponência, simetria e nobreza. Outra característica que reforça a estética neoclássica é a utilização de cores claras. No Brasil, a arquitetura neoclássica chegou pela Academia Imperial de Belas Artes (RJ) e no

início ficou restrita a órgãos oficiais e casas de praia das famílias com alto poder aquisitivo. Hoje, a nobreza da arquitetura neoclássica é cada vez mais encontrada em empreendimentos de alto padrão das cidades brasileiras, um trabalho que exige muita dedicação e estudo por parte dos arquitetos.

Atualmente alguns edifícios contemporâneos, construídos dentro das técnicas mais modernas, acabam tendo uma “roupagem” clássica por exigência do mercado, que busca valores mais permanentes nas edificações.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Estilo_arquitet%C3%B3nico).

Sendo assim, a arquitetura não possui uma linguagem única e cada estilo faz parte de um conjunto, que fazem uma reinterpretação da arquitetura do passado, seja através da releitura do significado que os elementos desempenhavam ou dos próprios estilos da arquitetura. A partir dessa observação, novos elementos, que possuem alguma relação com os já existentes, são introduzidos, sem que estes sejam obrigatórios em todas as formas de expressão. Assim, algumas características como arquitetura de topo e base e destaque para os acessos podem ser observados em toda a história da arquitetura e estão presentes na atualidade.

4. Metodologia

A pesquisa, além da visita *in loco* para observação e análise, pauta-se também em fontes bibliográficas de alguns autores na área da arquitetura como Campante (2010), Polisseni (2008), Amorim (2009) e nos conhecimentos teóricos acadêmicos adquiridos através das aulas específicas do contexto da pesquisa abordada. Trata-se, portanto, de uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa e quantitativa, com procedimentos de uma pesquisa de campo efetuada através da observação direta intensiva.

A pesquisa de campo iniciou com a visita à Prefeitura Municipal de Campina Grande/PB para adquirir o mapa da poligonal do centro histórico com a divisão dos lotes, onde, nesse momento, o apoio de um professor da instituição foi fundamental facilitando a aquisição da documentação necessária à pesquisa. De posse desse documento e junto com o professor orientador (Danilo Abreu) visitou-se a área em estudo e à medida que conhecia as edificações, o professor explicava, demonstrava e discutia o estilo arquitetônico e suas respectivas patologias presentes nas fachadas. Outras visitas foram realizadas junto com o professor orientador até a equipe ficar apta para identificar e analisar os problemas em estudo. A fotografia foi também um instrumento de coleta de dados, já que representa uma forma de evidenciar os problemas tratados na pesquisa.

Após concluir o processo de verificação e análise, separaram-se os estilos em legenda, identificando por cores para facilitar a visualização e mostrar o quanto os estilos arquitetônicos foram descaracterizados. A partir do mapa, criou-se uma planilha apresentando os estilos presentes em cada quadra com cores, números e áreas. Com os resultados dessa planilha, criou-se outra, para adquirir a somatória da área total por estilo, cujo objetivo, é visualizar a sua porcentagem e suas descaracterizações.

Além dessas ações, foi possível perceber e identificar as principais patologias, tais como: a desagregação, o descascamento, a eflorescência e as trincas. Sendo assim, todo o processo de pesquisa e levantamento de dados durou cerca de doze meses, e os resultados

foram sintetizados e apresentados através de textos escritos, imagens, planilhas e gráficos, cuja intenção é de demonstrar a problemática que envolve as edificações, e assim mostrar a importância da necessidade da manutenção e preservação dos bens culturais das edificações do centro histórico da cidade de Campina Grande/PB.

5. Resultados

A pesquisa foi feita a partir de levantamento de dados obtidos através de visita em campo, fotografias, observação e análise, visando acompanhar as condições de manutenção e estado das fachadas nas edificações na poligonal do centro histórico da cidade de Campina Grande/PB. Mediante a observação das fachadas de prédios históricos, é perceptível visualizar diversas patologias prejudiciais, tanto no aspecto estético como funcional. As causas e origens são diversas e interferem diretamente na durabilidade, acarretando riscos de quedas acidentais e nos custos de manutenção.

Além da visita em campo, obtive contribuições propostas por alguns autores na área da arquitetura como Campante (2010), Polisseni (2008), Amorim (2009). Trata-se na verdade de uma pesquisa descritiva e exploratória, de abordagem qualitativa e quantitativa, com procedimentos de uma pesquisa de campo efetuada através da observação direta intensiva.

No total foram levantadas mais de 200 edificações e suas correspondentes patologias, organizando as informações de forma que permitam incentivar a manutenção e conservação das fachadas dos edifícios, otimizando os seus aspectos estéticos, formais e funcionais. O tempo de levantamento foi de sete meses e permitiu também documentar os principais usos por parte da população do acervo arquitetônico existente.

As principais patologias encontradas foram: a desagregação, é a destruição da pintura, que se esfarela e destaca-se da superfície junto com partes do reboco; descascamentos, ocorrem quando a pintura for executada sobre caiação, sem que se tenha preparado a superfície; eflorescências, ocorrem quando a tinta foi aplicada sobre reboco úmido, ainda não curado completamente; e por final, trincas, causadas em geral pelos movimentos da estrutura.

A pesquisa se propôs também a observar e apontar os estilos arquitetônicos e suas devidas descaracterizações mostrados em planilhas e gráficos, e, portanto, assume a importância de chamar atenção para a necessidade da manutenção e preservação dos bens culturais das edificações do centro histórico da cidade de Campina Grande/PB.

Figura 01: Fachadas com Eflorescências e Descascamentos



Fonte: Arcervo da Equipe

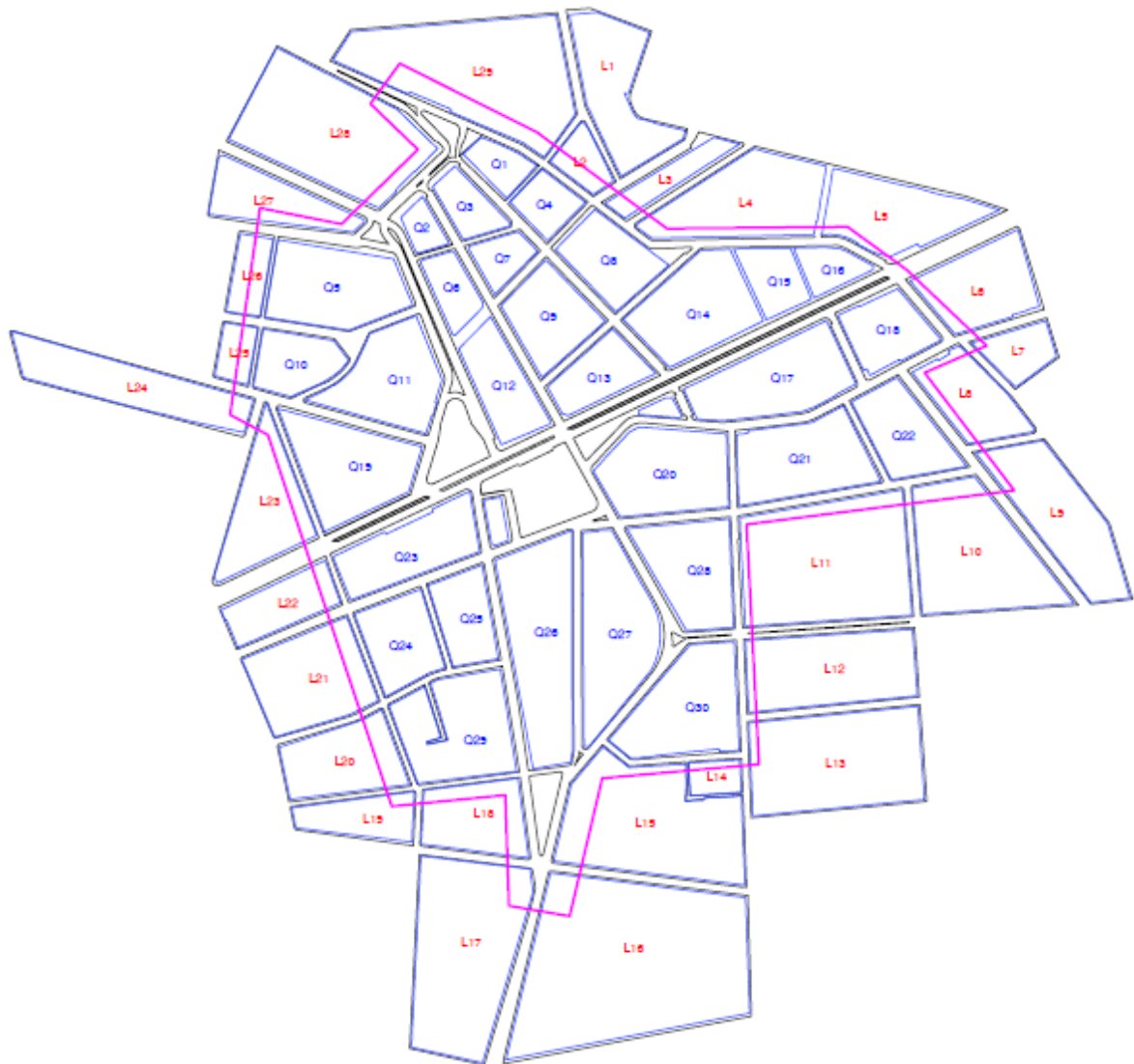
Figura 04: Fachadas com Desagregação



Fonte: Acervo da equipe

A pesquisa propôs também analisar o patrimônio cultural do centro histórico da cidade de Campina Grande que foi deliberada em 2003 e delimitada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) em 28 de junho de 2004, onde engloba ruas e praças centrais da cidade.

Figura 05: Malha urbana do Centro Histórico



Fonte: Acervo da equipe

Foi a partir da malha delimitada do Centro Histórico separadas por lotes e observação minuciosa de todas as quadras com suas edificações, abordou-se a contextualização das manifestações de estilos. Foram identificados vários estilos arquitetônicos presentes, considerando desde os edifícios sem nenhum tipo de alteração aos sem predominância de estilo, devido à ação do homem, tornando as construções completamente descaracterizadas.

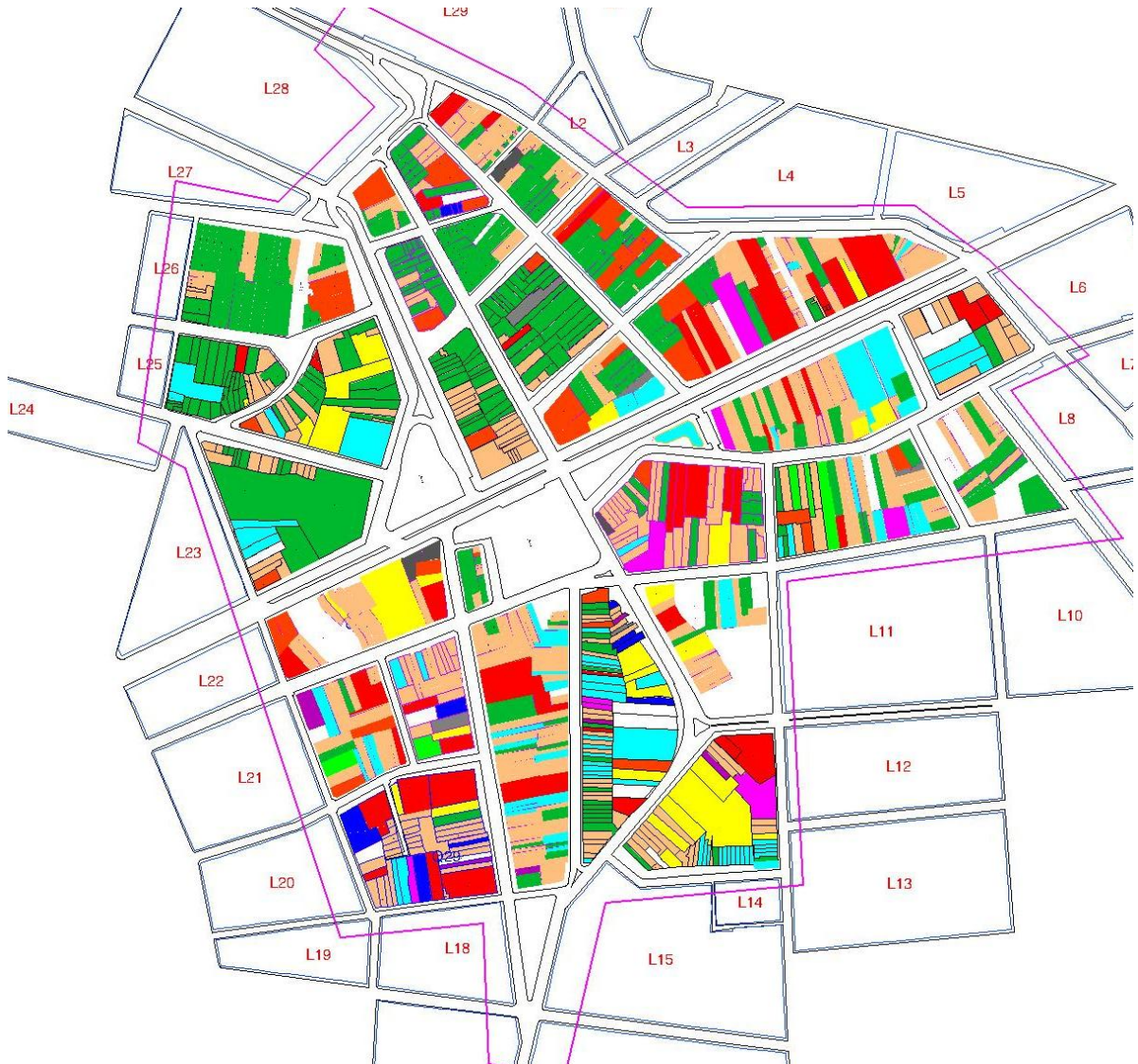
Foi possível verificar o abandono das edificações, o que vem resultando na descaracterização dos imóveis, e, a ausência de políticas públicas, que tem sido responsável pela decadência física e simbólica desse patrimônio cultural. Perdendo assim o seu valor

histórico, como também as leis e decretos que prometem ser um modelo de preservação, mas que não vem cumprindo o seu papel.

Legenda:

- 1 – Contemporâneo 
-  2 – Moderno
-  3 – Eclético
-  4 – ArteDéco
-  5 – Arte Nouveau
-  6 – Neoclássico
-  7 – Contemporâneo Descaracterizado
-  8 – Moderno Descaracterizado
-  9 – Eclético Descaracterizado
-  10 – DécoDescaracterizado
-  11 – Nouveau Descaracterizado
-  12 – Neoclássico Descaracterizado
-  13 – Vazio
-  14 – Descaracterizado
-  15 – Falso Histórico

Figura06: Malha do Centro Histórico com seus estilos arquitetônicos



Fonte: Acervo Equipe

Tabela 01: As quadras com seus estilos arquitetônicos

Quadras	Estilo	Cor	Qnt. de Lotes	Área Total
Q1	1 - Contemporâneo	Vermelho	02	856,92
	10 - Déco Descaracterizado	Verde	07	483,29
	14 - Descaracterizado	Bege	14	2.780,63
Q2	8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	01	1.112,08
	10 - Déco Descaracterizado	Verde	09	829,51
	14 - Descaracterizado	Bege	02	558,01
Q3	1 - Contemporâneo	Vermelho	01	386,21
	5 - Arte Nouveau	Azul escuro	03	278,76
	8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	03	1404
	10 - Déco Descaracterizado	Verde	09	2.140,82
	13 - Vazio	Branco	01	423,99
	14 - Descaracterizado	Bege	03	935,29
Q4	7 – Contemporâneo	Cinza	01	541,89
	Descaracterizado	Verde	07	2.802,44
	10 - Déco Descaracterizado	Bege	11	1.531,02
	14 - Descaracterizado			
Q5	8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	02	1.969,8
	10 - Déco Descaracterizado	Verde	23	11.139,57
	13 - Vazio	Branco	01	1.575,26
	14 - Descaracterizado	Bege	12	2.601,1
Q6	8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	01	601,93
	10 - Déco Descaracterizado	Verde	19	3.002,17
	14 - Descaracterizado	Bege	04	718,81
Q7	10 - Déco Descaracterizado	Verde	19	3.678,96
	14 - Descaracterizado	Bege	01	508,51
	Falso Histórico	Branco	01	241,64
Q8	1 - Contemporâneo	Vermelho	01	735,21
	8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	17	3.436,15
	10 - Déco Descaracterizado	Verde	18	4.666,87

	14 - Descaracterizado	Bege	02	155,35
Q9	1 - Contemporâneo	Vermelho	01	280,97
	8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	01	274,32
	10 - Déco Descaracterizado	Verde Escuro	25	8.229,39
	12 - Neoclássico Descaracterizado	Cinza Claro	01	869,11
	14 - Descaracterizado	Bege	04	1.164,19
Q10	1 - Contemporâneo	Vermelho	01	349,74
	2 - Moderno	Amarelo	01	43,64
	4 - Arte Déco	Azul Claro	02	1.591,53
	10 - Decó Descaracterizado	Verde	25	5.218,96
	14 - Descaracterizado	Bege	06	1.084,78
Q11	1 - Contemporâneo	Vermelho	02	173,62
	2 - Moderno	Amarelo	04	4.317,68
	4 - Arte Déco	Azul Claro	02	2.438,78
	8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	01	242,7
	10 - Déco Descaracterizado	Verde	12	4.686,97
	14 - Descaracterizado	Bege	10	2.786,14
Q12	8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	01	524,41
	10 - Déco Descaracterizado	Verde	19	4473,63
	14 - Descaracterizado	Bege	18	3958,06
Q13	2 - Moderno	Amarelo	01	549,15
	4 - Arte Déco	Azul Claro	02	1.081,36
	8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	03	2.184,07
	10 - Déco Descaracterizado	Verde Escuro	06	2.375,41
	12 - Neoclássico Descaracterizado	Cinza Claro	01	368,94
	14 - Descaracterizado	Bege	03	1.041,08
Q14	1 - Contemporâneo	Vermelho	04	5.010,54
	6 - Neoclássico	Rosa	01	1.786,59
	8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	03	2.048,71
	10 - Déco Descaracterizado	Verde Escuro	12	3.530,79
	13 - Vazio	Branco	03	670,49
	14 - Descaracterizado	Bege	19	3.164,55

Q15-16	1 - Contemporâneo	Vermelho	03	4.255,81
	2 - Moderno	Amarelo	01	469,7
	4 - Arte Déco	Azul Claro	02	228,6
	10 - Déco Descaracterizado	Verde Escuro	04	979,73
	14 - Descaracterizado	Bege	16	4.032,15
Q17	1 - Contemporâneo	Vermelho	03	826,77
	2 - Moderno	Amarelo	02	940,02
	4 - Arte Déco	Azul Claro	04	4.679,46
	6 - Neoclássico	Rosa	01	504,91
	10 - Déco Descaracterizado	Verde Escuro	07	2.544,56
	14 - Descaracterizado	Bege	19	7.336,58
Q18	1 - Contemporâneo	Vermelho	02	1.379,61
	4 - Arte Déco	Azul Claro	03	2.159,93
	10 - Déco Descaracterizado	Verde Escuro	01	611,97
	13 - Vazio	Branco	02	1.660,2
	14 - Descaracterizado	Bege	09	3.386,59
Q19	4 - Arte Déco	Azul Claro	03	1689,93
	8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	01	339,3
	10 - Déco Descaracterizado	Verde	09	12219,23
	13 - Vazio	Branco	01	453,77
	14 - Descaracterizado	Bege	13	2220,75
Q20	1 - Contemporâneo	Vermelho	05	.788,09
	2 - Moderno	Amarelo	01	1.144,57
	4 - Arte Déco	Azul Claro	01	259,70
	6 - Neoclássico	Rosa	01	1.256,05
	7 - Contemporâneo	Cinza Escuro	01	205,47
	Descaracterizado	Laranja	01	386,89
	8 - Moderno Descaracterizado	Verde	08	2.584,03
	10 - Déco Descaracterizado	Bege	23	7.810,43
	14 - Descaracterizado			
Q21	4 - Arte Déco	Azul Claro	07	1.816,2
	3 - Eclético	Verde Claro	03	1.946,93
	6 - Neoclássico	Rosa	02	821,84

	8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	03	1.325,04
	10 - Déco Descaracterizado	Verde Escuro	10	3.013,56
	13 - Vazio	Branco	01	599,58
	12 - Neoclássico Descaracterizado	Cinza Claro	01	236,42
	14 - Descaracterizado	Bege	18	6.546,8
Q22	10 - Déco Descaracterizado	Verde Escuro	09	3.818,49
	13 - Vazio	Branco	08	3.569,46
	14 - Descaracterizado	Bege	13	3.085,0
Q23	1 - Contemporâneo	Vermelho	02	1.434,83
	2 - Moderno	Amarelo	03	3.893,28
	7 - Contemporâneo	Cinza Escuro	02	771,38
	Descaracterizado	Laranja	01	1.314,02
	8 - Moderno Descaracterizado	Banco	02	2.856,77
	13 - Vazio	Bege	10	3.795,60
	14 - Descaracterizado			
Q24	1 - Contemporâneo	Vermelho	02	1.322,77
	3 - Eclético	Verde Claro	01	615,29
	4 - Arte Déco	Azul Claro	04	1.295,62
	8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	02	962,46
	10 - Déco Descaracterizado	Verde	02	619,28
	11 - Nouveau Descaracterizado	Roxo	01	710,77
	14 - Descaracterizado	Bege	12	4304,26
Q25	1 - Contemporâneo	Vermelho	02	941,91
	2 - Moderno	Amarelo	01	375,02
	3 - Eclético	Verde Claro	01	604,90
	4 - Arte Déco	Azul Claro	02	579,66
	5 - Arte Nouveau	Azul Escuro	01	521,63
	12 - Neoclássico Descaracterizado	Cinza Claro	01	581,62
	13 - Vazio	Branco	01	522,86
	14 - Descaracterizado	Bege	12	3.744,41
Q26	1 - Contemporâneo	Vermelho	03	4.377,44
	4 - Arte Déco	Azul Claro	15	3.274,70
	10 - Déco Descaracterizado	Verde	11	3.124,92

	11 - Nouveau Descaracterizado	Roxo	01	155,79
	13 - Vazio	Branco	02	993,12
	14 - Descaracterizado	Bege	52	11.663,28
Q27	1 - Contemporâneo	Vermelho	02	787,61
	2 - Moderno	Amarelo	04	2.437,03
	4 - Arte Déco	Azul Claro	17	5.953,66
	5 - Arte Nouveau	Azul Escuro	04	856,40
	6 - Neoclássico	Rosa	02	413,39
	8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	03	1.265,81
	10 - Déco Descaracterizado	Verde	15	2.655,16
	11 - Nouveau Descaracterizado	Roxo	02	239,96
	12 - Neoclássico Descaracterizado	Cinza Claro	01	113,49
	13 - Vazio	Branco	03	2.436,58
	14 - Descaracterizado	Bege	22	3.366,41
Q28	1 - Contemporâneo	Vermelho	01	521,43
	2 - Moderno	Amarelo	02	1.264,13
	4 - Arte Déco	Azul Claro	02	826,71
	10 - Déco Descaracterizado	Verde	04	1.318,32
	13 - Vazio	Branco	07	6.885,45
	14 - Descaracterizado	Bege	13	2.508,34
Q29	1 - Contemporâneo	Vermelho	06	6.472,62
	2 - Moderno	Amarelo	02	790,04
	4 - Arte Déco	Azul Claro	03	779,10
	5 - Arte Nouveau	Azul Escuro	02	2.061,58
	6 - Neoclássico	Rosa	01	409,32
	10 - Déco Descaracterizado	Verde	01	505,36
	11 - Nouveau Descaracterizado	Roxo	01	268,84
	13 - Vazio	Branco	02	767,71
	14 - Descaracterizado	Bege	25	5.721,09

Q30	1 - Contemporâneo	Vermelho	02	2.232
	2 - Moderno	Amarelo	06	7.220,23
	4 - Arte Déco	Azul Claro	16	1.773,72
	6 - Neoclássico	Rosa	01	1.571,61
	10 - Déco Descaracterizado	Verde Escuro	03	441,64
	11 - Nouveau Descaracterizado	Roxo	01	285,95
	13 - Vazio	Branco	01	1.86,57
	14 - Descaracterizado	Bege	15	3.337,99
Praça	4 - Arte Déco	Azul Claro	02	835,02
	8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	01	28,82
	10 - Déco Descaracterizado	Verde	09	1.219,37
	14 - Descaracterizado	Bege	05	135,93

Fonte: Acervo Equipe

Com o somatório das áreas de cada estilo arquitetônico encontrado, obteve-se valores reais jamais feito no centro histórico para cidade de Campina Grande.

Tabela 02: Os estilos arquitetônicos com a área total

Estilo	Cor	Quadras	Áreas	Soma Total
1 – Contemporâneo	Vermelho	Q1	856,92	36.134,1
		Q3	386,21	
		Q8	735,21	
		Q9	280,97	
		Q10	349,74	
		Q11	173,62	
		Q14	5.010,54	
		Q15-16	4.255,81	
		Q17	826,77	
		Q18	1.379,61	
		Q20	3.788,09	
		Q23		
		Q24	1.434,83	

		Q25	1.322,77	
		Q26	941,91	
		Q27	4.377,44	
		Q28	787,61	
		Q29	521,43	
		Q30	6.472,62	
			2.232,0	
2 – Moderno	Amarelo	Q10	43,64	23.443,49
		Q11	4.317,68	
		Q13	549,15	
		Q15-16	468,7	
		Q17	940,02	
		Q20	1.144,57	
		Q23	3.893,28	
		Q25	375,02	
		Q27	2.437,03	
		Q28	1.264,13	
		Q29	790,04	
		Q30	7.220,23	
3 – Eclético	Verde Claro	Q21	1.946,93	3.167,12
		Q24	615,29	
		Q25	604,90	
4 - Arte Déco	Azul Claro	Q10	1591,53	15.685,78
		Q11	2438,78	
		Q13	1.081,36	
		Q15-16	228,6	
		Q17	4.679,45	
		Q18	2.159,93	
		Q19	1689,93	
		Q21	1.816,2	
5 - Arte Nouveau	Azul Escuro	Q20	259,70	15.577,89
		Q24	1.295,62	
		Q25	579,66	

		Q26	3.274,70	
		Q27	5.953,66	
		Q28	826,71	
		Q29	779,10	
		Q30	1.773,72	
		Praça	835,02	
6 - Neoclássico	Rosa	Q14	1.786,59	6.763,71
		Q17	504,91	
		Q20	1.256,05	
		Q21	821,84	
		Q27	413,39	
		Q29	409,32	
		Q30	1.571,61	
7 - Contemporâneo Descaracterizado	Cinza	Q4	541,89	1.518,74
		Q20	205,47	
		Q23	771,38	
8 - Moderno Descaracterizado	Laranja	Q2	1.112,08	19.420,51
		Q3	1.404,0	
		Q5	1969,8	
		Q6	601,93	
		Q8	3.436,15	
		Q9	274,32	
		Q11	242,7	
		Q12	524,41	
		Q13	2.184,07	
		Q14	2.048,71	
		Q19	1.325,04	
		Q20	339,3	
		Q21	386,89	
		Q23	1.314,02	
		Q24	962,46	
		Q27	1.265,81	
		Praça	28,82	

9 - Eclético Descaracterizado	Rosa Claro	-	-	-
10 - Déco Descaracterizado	Verde	Q1 Q2 Q3 Q4 Q5 Q6 Q7 Q8 Q9 Q10 Q11 Q12 Q13 Q14 Q15-16 Q17 Q18 Q19 Q20 Q21 Q22 Q24 Q26 Q27 Q28 Q29 Q30 Praça	483,29 829,51 2.140,82 2.802,44 11.139,57 3.002,17 3.678,96 4.666,87 8.229,39 5.218,96 4.686,97 4.473,63 2.375,41 3.530,79 979,73 2.544,56 611,97 12.219,23 2.584,03 3.013,56 3.818,49 619,28 3.124,92 2.655,16 1.318,32 505,36 441,64 1.219,37	92.914,4
11 - Nouveau Descaracterizado	Roxo	Q24 Q26 Q27	710,77 155,79 239,96	1.661,31

		Q29	268,84	
		Q30	285,95	
12 - Neoclássico Descaracterizado	Cinza Claro	Q9	869,11	2.169,58
		Q13	368,94	
		Q21	236,42	
		Q25	581,62	
		Q27	113,49	
13 - Vazio	Branco	Q3	423,99	23.415,24
		Q5	1.575,26	
		Q14	670,49	
		Q18	1.660,2	
		Q19	453,77	
		Q21	599,58	
		Q22	3.569,46	
		Q23	2.856,77	
		Q25	522,86	
		Q26	993,12	
		Q27	2.436,58	
		Q28	6.885,45	
		Q29	767,71	
		Q30	1.86,57	
14 - Descaracterizado	Bege	Q1	2.780,63	95.983,13
		Q2	558,01	
		Q3	935,29	
		Q4	1.531,02	
		Q5	2601,1	
		Q6	718,81	
		Q7	508,51	
		Q8	155,35	
		Q9	1.164,19	
		Q10	1.084,78	
		Q11	2.786,14	
		Q12	3.958,06	

		Q13	1.041,08	
		Q14	3.164,55	
		Q15-16	4.032,15	
		Q17	7.336,58	
		Q18	3.386,59	
		Q19	2.220,75	
		Q20	7.810,43	
		Q21	6.546,8	
		Q22	3.085,0	
		Q23	3.795,60	
		Q24	4304,26	
		Q25	3.744,41	
		Q26	11.663,28	
		Q27	3.366,41	
		Q28	2.508,34	
		Q29	5.721,09	
		Q30	3.337,99	
		Praça	135,93	
15 - Falso Histórico	Branco	Q7	241,64	241,64

Fonte: Acervo Equipe

Com os valores das áreas separados por estilos, foi identificado em porcentagem o descaso relativo a manutenção e preservação.

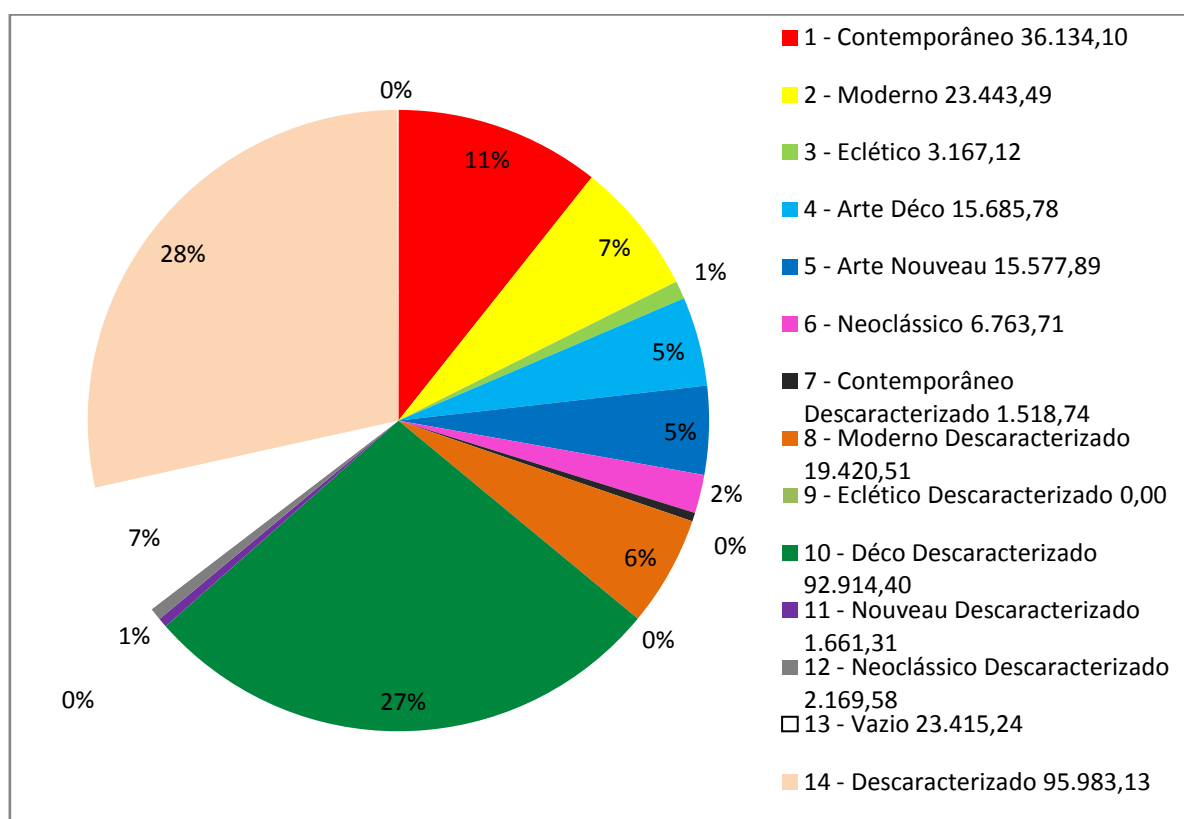
Tabela 03: Porcentagem dos estilos

Estilos	Área m²	%
TOTAL	338.096,64	100
1 - Contemporâneo	36.134,10	10,6875064
2 – Moderno	23.443,49	6,93396125
3 – Eclético	3.167,12	0,93674992
4 - Arte Déco	15.685,78	4,63943682
5 - Arte Nouveau	15.577,89	4,60752582

6 - Neoclássico	6.763,71	2,00052565
7 - Contemporâneo Descaracterizado	1.518,74	0,44920293
8 - Moderno Descaracterizado	19.420,51	5,74407069
9 - Eclético Descaracterizado	0,00	0
10 - Déco Descaracterizado	92.914,40	27,48161
11 - Nouveau Descaracterizado	1.661,31	0,49137134
12 - Neoclássico Descaracterizado	2.169,58	0,6417041
13 - Vazio	23.415,24	6,92560565
14 - Descaracterizado	95.983,13	28,3892588
15 - Falso Histórico	241,64	0,07147069

Fonte: Acervo Equipe

Gráfico 01: Porcentagem dos estilos e suas descaracterizações



Fonte: Acervo da Equipe

Com os resultados obtidos em porcentagem nota-se claramente o quanto a descaracterização na cidade Campina Grande é acentuada e o quanto ela está perdendo seus valores originais.

Figura 07: Descaracterização das fachadas residenciais



Fonte: Acervo Equipe

Figura 08: Comércio Descaracterizados



Fonte: Acervo Equipe

Figura 09: Edificação Nouveau Descaracterizado



Fonte: Acervo Equipe

Figura 10: Descaracterização



Fonte: Acervo Equipe

Diante da identificação do descaso com o patrimônio cultural, faz-se necessário uma revisão crítica das intervenções de cunho preservacionista sobre os bens tombados, de modo a incluir e incorporar uma conscientização tácita e prática desses procedimentos, que atualmente não vêm surtindo o efeito esperado. A pesquisa, portanto, assume a importância não somente por chamar atenção para a necessidade da preservação dos bens culturais, como também, a necessidade de manutenção das edificações em estudo. É preciso conhecer os mecanismos administrativos e legais que os levem a buscar ações de proteção que barrem a depredação dos aspetos da cultura histórica campinense, a fim de que essas ações preservacionistas contribuam para a constituição da identidade do povo dessa cidade.

6. Conclusão

O patrimônio cultural de uma nação, que compreende o artístico, estético, histórico, turístico e arqueológico é importantíssimo para a sua própria sobrevivência, de forma que deve ser protegido por seus cidadãos, os quais têm a obrigação de conhecê-lo, bem como saber como protegê-lo.

Respeitar as tradições da cidade é preservar, de forma correta, com legislação adequada e com técnicas planejadas as construções antigas da uma cidade. Então, nos compete, gerações do presente, segundo a Constituição Brasileira, valorizar e proteger essa história que é avaliada como “recurso cultural finito e irrenovável”.

Após estudos e observações, conclui-se que o patrimônio do centro histórico da cidade de Campina Grande não é o mesmo há bastante tempo. Observa-se um prejuízo inestimável com relação à história e a memória campinense. Prédios demolidos, monumentos destruídos, fachadas descaracterizadas, adaptações sem fiscalização, fachadas apresentando diversas patologias e assim, momentos da história da cidade estão sendo perdidos.

É preciso conhecer os mecanismos administrativos e legais utilizados para que se possam buscar ações de proteção que barrem a depredação dos aspectos da cultura histórica campinense, pois, se não houver ações preservacionais, a perda e a descaracterização do patrimônio cultural local, bem como a ausência de políticas para sua promoção podem causar prejuízos irreversíveis na constituição da identidade do povo campinense e em seus modos de criar, fazer e viver.

7. Referências:

Abaixo-assinado Agenda para o Patrimônio Cultural de Campina Grande (PB) 2012. Disponível em: <<http://www.peticaopublica.com.br/?pi=patrimcg>> Acessado em: 06 de Abril de 2013.

AMORIM, Luiz. **Obituário arquitetônico**: Pernambuco modernista, Recife, 2007.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 13816 – Placa Cerâmica para Revestimento – Terminologia.1997.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 13817 – Placa Cerâmica para Revestimento – Classificação.1997.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – NBR 13818 – Especificação e Métodos de Ensaio. 1997.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado.

LIMA, Damião de. **Impactos e repercussões socioeconômicos das políticas do governo militar no município de Campina Grande** (1964 – 1984). Tese Doutorado em História, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

LOTURGO, Bruno. Revestimento de granito com insert metálico Revista Técnica, vol.106, jan.2006.

NAKAMURA, Juliana. Projeto de fachadas. **Revista Técnica**, vol.92, nov. 2004.

PARAÍBA. Decreto Nº 25.139 de 28 de junho de 2004. In: Diário Oficial de 29 de junho de 2004. Nº 12.688. João Pessoa: Poder Executivo, 29 de junho de 2004. Disponível em: <http://mhn.uepb.edu.br/revista_tarairiu/n1/art4.pdf> Acessado em: 06 de Abril de 2013.

QUILANIA, Eliane. Restauração. **Revista Técnica**, vol.103, out.2005.

ROCHA, Fabiano de Melo Duarte. Caminhos da arquitetura moderna em Campina Grande: emergência, difusão e produção dos anos 1950. DINIZ, Fernando M. (org). Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil. Recife: FASA/Docomomo PE, 2007. p. 259-276.

SILVESTRE, Jonas. Fachada Eficiente. **Revista Técnica**, vol.109, abr. 2006.

TARAIRIÚ – Revista eletrônica do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB. Campina Grande, Ano I – Vol. 1 - Número 01 – Setembro de 2010. Disponível em: <http://mhn.uepb.edu.br/revista_tarairiu/n1/art4.pdf> Acessado em: 06 de Abril de 2013.

WIKIPEDIA.org Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Estilo_arquitet%C3%B3nico> Acessado em: 06 de Abril de 2013.